

Plantas hipoglicemiantes utilizadas por comunidades tradicionais na Bacia do Alto Paraguai e Vale do Guaporé, Mato Grosso-Brasil

Macedo, M.1*; Ferreira, A. R.²

¹UNIC - Professora credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da Biodiversidade da UFMT;

²Professora dos Departamentos de Geografia e Agronomia da UNEMAT - Cáceres.

Resumo

No Brasil, com inúmeras espécies tropicais, evidencia-se o conhecimento e uso da vegetação medicinal pelas comunidades quilombolas, ribeirinhas, rurais, tradicionais e indígenas, que são praticadas até os dias atuais. O Estado de Mato Grosso pela sua localização no Planalto Central brasileiro possui uma variedade destas comunidades, que utilizam estas plantas medicinais, levando em consideração o conhecimento popular passado de geração em geração. Esta pesquisa visa identificar a forma de coleta e os usos desse grupo vegetal indicados pelos usuários. O estudo foi realizado em 15 comunidades tradicionais (não indígenas) na Bacia do Alto Paraguai e 2 (duas) no Vale do Guaporé. A coleta de dados deu-se através de líderes comunitários, benzedeiras, parteiras e usuários utilizando o método qualitativo, mediante abordagem qualitativa, com auxílio de entrevistas estruturadas, semi-estruturadas e abertas. Dentre as espécies identificadas 17 destacam-se para o tratamento do Diabetes, dentre elas citam-se: *Anacardium humile*; *Bauhinia glabra*; *Cecropia pachystachya*; *Hancornia speciosa*; *Heteropteris aphrodisiaca*; *Leonotis nepetifolia*; *Momordica charantia*; *Solanum lycocarpum*. Registra-se ainda que as partes mais utilizadas desses vegetais são: folhas, casca do caule, raiz, planta toda, brotos, óleos dos frutos e polvilho dos frutos. De acordo com os usuários a maioria das plantas não podem ser colhidas após o nascer do sol e o preparo deve ser feito com folhas secas ou que tenham sido submetidas ao processo de secagem sobre o fogão de lenha ou em local abafado. Unitermos: Plantas hipoglicemiantes, comunidades tradicionais, pantanal, cerrado.

Abstract

In Brazil, with a large number of tropical species, evidenciate the knowledge and use of the medicine vegetation by the "quilombolas", riverine, rurally, traditional and indigenous communities are used nowadays. The Mato Grosso state by their localization in the Central Brazilian Plateau posses a variety of community, which use those medicinal plants, carrying in consideration the popular knowledge passed though generation to generation. This research had as purpose to identificate the use of this

vegetable group the collect ways related by the users and collectors. The study was realized into 15 traditional communities (not indigenous) in the Alto Paraguay Bay and 2 (two) in the Guaporé Valley. The data collect were made with the community leaders, women healers, midwife and users, it was used the qualitative method, with qualitative boarding, with aim of structured qualitative interview, semi-structured and opened. Between the identified 17 destacated to the treatment of diabetes, between them it was cited *Anacardium humile*; *Bauhinia glabra*; *Cecropia pachystachya*; *Hancornia speciosa*; *Heteropteris aphrodisiaca*; *Leonotis nepetifolia*; *Momordica charantia*; *Solanum lycocarpum*. It was registered still, that the more used parts of this vegetable are: leaves, burke, root, all plant, shoot, fruit oil and fruits flour. In according to users the biggest part of the plants can't be collected after the sun rinsing and the prepare must be done with dry leaves or that had been submitted to the process of drying on the oven or in a muffled place.

Key Words: Hypoglicemiantes plants, Traditional communities, Pantanal, Savanna.

Os recursos naturais, em especial as plantas têm sido desde os tempos primórdios um dos elos de ligação entre o homem e a natureza. A pesquisa nesta área tem demonstrado que os homens pré-históricos já utilizavam estas plantas para amenizar os sofrimentos de males físicos que lhes acometiam³.

Diegues (1996) afirma que o uso de plantas medicinal está relacionado à cultura popular que é transmitida de geração para geração, nas comunidades tradicionais (ribeirinhas, indígenas, quilombolas, entre outros, e também nas populações contemporâneas).

Araújo (1977) informa que esta cultura é um dos agentes de solidariedade entre os membros da sociedade, dando até certo ponto uniformidade nos padrões de comportamento do grupo, orientando a conduta dos indivíduos.

No Brasil registra-se a influência das culturas indígenas, negras e européias no que se refere ao uso dessas plantas, e evidencia-se o conhecimento e uso desta vegetação pelas comunidades indígenas, que são praticados até os dias atuais¹⁵.

O Estado de Mato Grosso possui diversas comunidades tradicionais, principalmente em áreas de Cerrado e de Pantanal, que utilizam plantas medicinais mediante o conhecimento popular legado dos seus ancestrais. Dentre este grupo de plantas destacam-se as hipoglicemiantes, muitas delas citadas em área de Pantanal por Pott e Pott (1994) e em área de Cerrado por Macedo (2002) e Guarim Neto e Morais (2003) .

Diante deste contexto esta pesquisa visa identificar estas plantas, formas de usos desse grupo vegetal, assim como a técnica de coleta na Bacia do Alto Paraguai e no Vale do Guaporé.

Foram registradas 11 famílias num total de 17 espécies hipoglicemiantes. A família que apresentou o maior número de espécies foi Fabaceae com 4, seguida de Anacardiaceae, Caesalpiniaceae e Solanaceae com 2 espécies cada uma, as demais famílias com apenas uma espécie. As espécies em estudo são citadas pelos informantes como para o tratamento de "açúcar no sangue" e devem ser coletadas antes do sol nascer e ou no entardecer.

As espécies mais citadas nas localidades da Bacia do Alto Paraguai, em área inundável, foram *B. rufa*, *C. pachystachya* e *L. nepetifolia*. Já no bioma Cerrado, não

alagável, foram *A. humile*, *B. glabra* e *S. lycocarpum*. Entretanto no Vale do Guaporé as mais citadas foram *A. humile*, *B. rufa*, *B. virgilioides*, *M. charantia* e *S. paniculatum*. Vale ressaltar que as demais espécies também foram citadas com frequência mediana em ambas regiões.

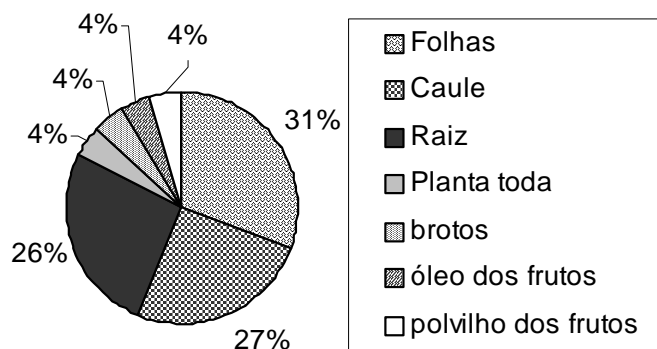
Entretanto, destas espécies as mais frequentes encontradas na literatura são *M. charantia*, *A. humile*, *H. speciosa*, *B. rufa*, *B. virgilioides*, *H. aphrodisiaca* e *S. paniculatum*. Todavia, a *B. glabra*, mesmo não sendo citada na literatura tem ampla utilização, pois os usuários afirmam que ela tem o mesmo poder de cura que a *B. rufa*. (Tabela1)

Tabela 1. Dados sobre famílias, espécies, parte do vegetal, modo de preparo e autores das Plantas medicinais utilizadas no tratamento dos agravos do diabetes.

Família/Espécie	Parte do Vegetal Utilizada	Modo de Preparo	Autores
1-Anacardiaceae			
1.1. <i>Anacardium humile</i> St. Hil.	Folhas, Casca do Caule	Chá, Macerada.	2; 3; 5; 6; 9
1.2. <i>A. nanum</i> St. Hil.	Folhas, Casca do Caule	Chá, Macerada.	6
2-Apocynaceae			
<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Casca do Caule	Macerada	1; 2; 3; 5
3-Asteraceae/ Compositae			
<i>Acanthospermum australe</i> (Loefl.) O. Kuntze	Planta toda	Chá	5
4-Cecropiaceae			
<i>Cecropia pachystachya</i> Tréc.	Brotos	Chá	2; 7
5-Caesalpiniaceae			
<i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Raiz	Chá, Macerada	2; 5; 9
<i>B. rufa</i> (Bong.) Steud.	Folhas, Casca do Caule	Chá	
6-Cucurbitaceae			
<i>Momordica charantia</i> L.	Folhas, Casca do Caule	Chá	4; 5; 6; 7; 8
7-Dilleniaceae			
<i>Curatella americana</i> L.	Folhas, Casca do Caule	Chá	2;
8-Fabaceae			
<i>Andira cuiabensis</i> (Benth.) Benth.	Raiz	Chá	6
<i>A. inermis</i> (Sw.) Kunth.	Raiz	Chá	6
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Raiz	Chá	2; 5; 9
<i>Pterodon emarginatus</i> Vog.	Folhas, Óleo dos Frutos	Chá	3
9-Lamiaceae/Labiatae			
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Folhas	Chá	6
10-Malpighiaceae			
<i>Heteropteris aphrodisiaca</i> O. Mach.	Raiz	Macerada	7; 9
11-Solanaceae			
<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil.	Polvilho dos Frutos	Suco	9
<i>S. paniculatum</i> L.	Raiz	Infusão	2; 5

Autores - 1 Grandi *et al.* (1989); 2 Pott e Pott (1994); 3 Almeida *et al.* (1998); 4 Martins *et al.* (1998); 5 Rodrigues e Carvalho (2001); 6 Lorenzi e Matos (2002); 7 Macedo (2002); 8 Volpato *et al.* (2002); 9 Guarim Neto e Morais (2003)

As partes mais utilizadas desses vegetais foram: as folhas que são usadas como chá com 7 indicações (30%), seguidas da casca do caule e raiz com 6 (27%) cada uma, ambas também como chá ou maceradas, sendo ainda citadas o uso da planta toda, brotos, óleo e polvilho dos frutos. Quanto ao preparo, segundo os usuários, este deve ser feito com folhas, cascas e raízes secas ou que tenham sido submetidas ao processo prévio de secagem sobre fogão de lenha ou em local abafado (Figura 1).



Material e Métodos

Os trabalhos de campo foram realizados em 15 comunidades tradicionais (não indígenas) na Bacia do Alto Paraguai: Acorizal; Barão de Melgaço; Barra do Aricá; Baús; Engenho Velho; Jangada; Mata Cavallo; Morro Grande; Nova Brasilândia; Perezópolis; Poconé; Porto de Fora; Santo Antônio de Leverger; Vale do Aricá Varginha e duas no Vale Guaporé: Arrozal e Vila Bela da Santíssima Trindade, ambas entre as coordenadas 14° e 18° S e 54° e 60° W na região Sudoeste do Estado de Mato Grosso.

A coleta de dados sobre o uso das plantas foi obtida por meio de líderes comunitários: benzedeiros, parteiras e usuários que foram selecionados através de indicações de moradores das comunidades. O método utilizado foi o qualitativo⁸, com entrevistas abertas, semi-estruturadas, visando à identificação da planta, parte do vegetal usado e modo de preparo de acordo com as técnicas de Martin (1995) e Alexíades (1996).

As plantas em estudo foram coletadas e depositadas no UFMT, Herbário Central para a identificação científica, conforme orientações de Macedo *et al.* (1998) e Macedo (2003). As coletas sempre foram acompanhadas pelos informantes, que indicavam os dados das plantas pesquisadas.

Agradecimentos

A Biossintética pelo suporte financeiro.

Referências Bibliográficas

- ¹Alexíades M.N. Collecting ethnobotanical data: introduction to basic concepts and techniques. Pp. 53-94. In: Alexíades M.N. (ed). Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual. The New York Botanical Garden, New York, 306 p. 1996.
- ²Almeida S.P.; Proença C.E.B.; Sano S.M.; Ribeiro J.F. Cerrado: Espécies Vegetais Úteis. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998.
- ²Araújo A.M. Medicina Rústica. 2ª ed. São Paulo Ed. Nacional: Brasília, INL, 1977. 301p.
- ³Castro L.O.; Chenalle V.M. Plantas Mediciniais, condimentares e aromáticas: descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária. 1995, 196p.
- ⁴Diegues A.C.S. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo. Hucitec, 1996. 169p.
- ⁵Grandi T.S.M.; Trindade J.A.; Pinto M.J.F. Plantas Mediciniais de Minas Gerais, Brasil. Acta Botânica Brasília, v.3, n.2, supl., p. 185-224, 1989.
- ⁶Guarim Neto G.; Morais R. G. Recursos Mediciniais de Espécies do Cerrado de Mato Grosso: Um Estudo Bibliográfico. Acta Botânica. Brasília 17 (4) 561- 584.
- ⁷Lorenzi H. Plantas Mediciniais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas. Lorenzi H.; Matos, F. J. A. (eds.) Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2002.
- ⁸Ludke M.; André M.E.D. A. Pesquisa em educação. Abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 99p. 1986.

⁹Macedo M.; Pinto A.S.; Somavilla N. Guia do UFMT, Herbário Central. Cuiabá. UFMT. 1998. 31p.

¹⁰Macedo M. Grupo dos Mediciniais - Aspectos Botânicos. In: Macedo M. (Coord) Plantas Mediciniais e ornamentais do aproveitamento múltiplo do Manso Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. 2002, 188p. il. color.

¹¹Macedo M. Técnicas de Coleta de Plantas Mediciniais. Pp. 195-197. In Coelho M F.B.; Costa Jr., P. E Dombroski J. L. (Orgs.) Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais: Anais do I Seminário Mato-grossense de Etnobiologia e Etnoecologia e II Seminário Centro- Oeste e Plantas Mediciniais. 250p. 2003.

¹²Martin G. J. Ethnobotany: a methods manual. Chapman and Hall. 276 p. 1995.

¹³Martins E.R.; Castro D.M.; Castellani D.C. & Dias J.E. Plantas Mediciniais. Viçosa. Imprensa Universitária/UFV. 220p. 1998.

¹⁴Pott A; Pott V. J. Plantas do Pantanal. Brasília. EMBRAPA. 1994. 320 p., il.

¹⁵Prance G.T. Etnobotânica de algumas tribos Amazônicas. In: Ribeiro, B.G. (org.) Suma Etnológica Brasileira. Vol. I Rio de Janeiro, p.119-134. 1985.

¹⁵Rodrigues G.V.E; Carvalho D. A Plantas Mediciniais no Domínio do Cerrado. Lavras: UFLA, 2001. 180 p. 180p il.

¹⁶Volpato G.T.; Damasceno D.C.; Calderon I.M.P.; Rudge M.V.C. Revisão de plantas brasileiras com comprovado efeito hipoglicêmico no controle da Diabete mellitus. Revista Brasileira de Plantas medicinais V. 4, p. 35-45, 2002.

*Autora para Correspondência

Prof.^a Dr.^a Miramy Macedo
 Coordenação do Curso de Ciências Biológicas
 UNIC - Universidade de Cuiabá.
 Av. Estevão de Mendonça, 428
 Apto. 202, Bairro Duque de Caxias.
 CEP 78.043-000 - Cuiabá - MT.
 e-mail: miramy@terra.com.br